



RETALHOS DA HISTÓRIA DE UMA EDUCADORA: MARIA JACY PINTO COSTA (1930-1982)

Adriana Marcineiro Vilar

dry_villa@gmail.com

Maria Lúcia da Silva Nunes

mlsnunes@yahoo.com.br

Elane Candido da Silva

elane.candido@hotmail.com.br

(UFPB)

Resumo

Este estudo deriva-se do projeto “Em busca de Vestígios: memórias e histórias de mulheres que nomeiam escolas (1950 – 1970)” (PIBIC), vinculado ao HISTEDBR/PB, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação/CE/UFPB. A pesquisa busca, através da memória presente como vestígios nas próprias escolas, em documentos oficiais (atas, portarias, decretos, relatórios, projetos de lei etc.) como também em jornais e periódicos, descobrir quem são as mulheres homenageadas com o nome numa instituição escolar. O levantamento de fontes escritas, e iconográficas, sobre as referidas mulheres, possibilitou a identificação de vestígios da memória da educadora paraibana Maria Jacy Pinto Costa, mulher com experiência no meio acadêmico, tendo sido professora de Sociologia Geral dos Institutos Paraibanos de Educação (IPÊ), atual Centro Universitário (UNIPÊ), professora do Colégio Diocesano Pio XI e do Instituto São Vicente de Paula, sendo os dois últimos em Campina Grande. Era uma mulher culta, licenciada e bacharelada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Paraíba, onde foi classificada em 1º lugar na sua turma. Publicou vários trabalhos, participou de congressos e simpósios fora do país, além de fazer parte de diversos cursos em diferentes Universidades. Gozou de prestígio e influência nas colunas da alta sociedade paraibana, sendo notada nos jornais que circulavam na época. Sobre infância e adolescência de Maria Jacy Pinto Costa, ainda não temos informações detalhadas contudo seu currículo nos informa que fez o curso primário, com duração de seis anos, no Grupo Escolar de Bananeiras, concluindo-o em 1942. Pelos poucos dados de que dispomos até o momento, tudo leva a crer que a referida professora, entre as décadas de 1950 e até, aproximadamente metade dos anos 60 tenha se dedicado mais ao ensino e à vida familiar, deixando um pouco de lado sua formação. No final da década de 1960, e durante toda a década de 1970, a professora dedicou sua vida a viagens de estudo, formação acadêmica, publicações e ao ensino superior. A Educadora Maria Jacy Pinto Costa foi uma das poucas mulheres privilegiadas, que buscou na educação a forma de sair do reduto do lar, para abarcar outros horizontes, viajando para vários lugares em busca de conhecimento. Faleceu em João Pessoa, no dia 22 de dezembro de 1982, aos 52 anos, e foi sepultada no Cemitério de Santa Catarina. Através de estudos bibliográficos e análise das fontes, constata-se que apesar do prestígio desfrutado pela educadora Maria Jacy Pinto Costa, quando em vida, e mesmo tendo seu nome posto em uma das escolas estaduais de João Pessoa, pelo decreto nº 11.529 criado no dia 04.03.1986, pouco é lembrada pela sociedade atual e por aqueles que compõem a instituição que recebe o seu nome. Nem professores, nem funcionários, muito menos os alunos sabem quem foi tal mulher. O que ela fez para merecer nomear um estabelecimento de ensino? Quais eram suas práticas educativas e culturais? Que contribuições deu à história da educação paraibana? Foi pelo descaso dado à memória da educadora Maria Jacy Costa, nos dias atuais, que objetivou-se trazer à tona sua história. Neste esboço histórico, tendo como fonte o currículo da educadora e recortes de jornais encontrados nos arquivos locais, pretende-se apresentar uma biografia da citada educadora e apresentar indícios de sua memória que possam fomentar outros escritos.

Palavras-chave: Educadora. Memória. Biografia.





Fotografia 1: Maria Jacy Costa
Fonte: Arquivo da E.E Profª Maria Jacy Costa

Situando o estudo

Este estudo é uma produção que emerge do projeto “**Em busca de vestígios: memórias e histórias de mulheres que nomeiam escolas (1950 – 1970)**” (PIBIC), vinculado ao HISTEDBR/PB, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação/CE/UFPB), coordenado pela professora Maria Lúcia da Silva Nunes, e se propõe, através da memória presente como vestígios nas próprias escolas, em documentos oficiais (atas, portarias, decretos, relatórios, projetos de lei etc.) como também em jornais e periódicos, descobrir quem são as mulheres homenageadas com o nome numa instituição escolar.

Foi com o levantamento de fontes escritas e iconográficas, que nos deparamos com vestígios da memória da educadora paraibana Maria Jacy Pinto Costa, e de experiência no meio acadêmico, tendo sido professora de Sociologia Geral dos Institutos Paraibanos de Educação (IPÊ), atual Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), fundado em 21 de junho de 1971, e professora do Colégio Diocesano Pio XI e do Instituto São Vicente de Paula, sendo os dois últimos em Campina Grande.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Licenciada e bacharelada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Paraíba, onde foi classificada em 1º lugar na sua turma, publicou vários trabalhos, participou de congressos e simpósios fora do país, além de frequentar diversos cursos de curta duração em diferentes Universidades. Os recortes de A União e d’O Norte¹ demonstram que essa educadora teve grande prestígio e influência nas colunas da alta sociedade paraibana, sendo notada nos jornais que circulavam na época.

Através de estudos bibliográficos e análise das fontes, percebemos que apesar do prestígio desfrutado pela educadora Maria Jacy Pinto Costa, quando em vida, e mesmo tendo seu nome posto em uma rua e em uma das escolas estaduais de João Pessoa, pelo decreto nº 11.529, criado dia 04.03.1986, pouco é lembrada pela sociedade atual e por aqueles que compõem a instituição que recebe o seu nome. Nem professores, nem funcionários, muito menos os alunos sabem quem foi tal mulher. Por isto, com este trabalho, pretendemos evidenciar aspectos da memória de Maria Jacy Pinto Costa e, mais do que isso, trazer à tona indícios, para que outros pesquisadores sejam também provocados a puxar os fios da história dessa educadora, desvendando quais suas práticas educativas e que motivos alçaram-na à condição de patronesse de uma escola pública.

RETALHOS BIOGRÁFICOS DA EDUCADORA MARIA JACY PINTO COSTA

Em 14 de maio de 1930, nascia Maria Jacy Pinto, filha do casal Aníbal Antônio da Silva Pinto e Josefa de Carvalho Pinto, em Serraria² na Paraíba. Naquele momento, o Brasil e o estado da Paraíba estavam sob grandes transformações, um período de acontecimentos marcantes, de lutas políticas e de mudanças de poder. Durante as disputas aconteceu a morte do governador paraibano João Pessoa, fato que motivou a deflagração da Revolução de 30 resultando no fim da República Velha e início da segunda República. Na Paraíba, a série de

¹ Jornais paraibanos de circulação diária.

² **Serraria**, município no estado da Paraíba, localizado na microrregião do Brejo Paraibano. Teve sua emancipação política no 31 de dezembro de 1943, de acordo com a Lei Estadual nº 420. Serraria é famosa pela sua paisagem serrana e seu clima agradável.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

mudanças resultou também na alteração do nome da capital do Estado, de Parayba do Norte para João Pessoa em homenagem ao governador morto.

Logo após a morte de João Pessoa, Anthenor da França Navarro assumiu o cargo de governador do estado e governou pelo período de quase dois anos (1930 a 1932). Segundo Mello (2008, p. 194), Anthenor Navarro “criou guarda cívica” para abafar movimento armado contra seu governo e, na área do ensino, extinguiu as escolas públicas municipais, substituídas por unidades de ensino estaduais, subordinadas à Diretoria de Ensino Primário e dotadas de controle técnico-pedagógico.

Sobre infância e adolescência de Maria Jacy Pinto Costa, ainda não temos informações detalhadas contudo seu currículo nos informa que fez o curso primário, com duração de seis anos, no Grupo Escolar de Bananeiras, concluindo-o em 1942. Em seguida fez o Curso Normal, no Instituto Santa Dorotéia³, na mesma cidade, sendo diplomada em 1946. Escolas religiosas e de caráter particular, a exemplo do Instituto Santa Dorotéia, disseminaram-se no Brasil no início do século XX e se caracterizaram por conduzir uma prática de ensino entranhada na religiosidade, na instrução e na formação da moral.

A Fundação da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia originou-se na Itália em 1834, iniciada por Paula Frassinetti⁴. No Brasil teve sua primeira escola fundada no ano de 1866 em Pernambuco.

³ Ou Colégio das Dorotéias, construído em 1917, mantém as linhas arquitetônicas originais. Foi responsável pela educação da “elite feminina” de boa parte da Paraíba e até do Nordeste, até metade da década de 1960, funcionando como internato.

⁴ Genovesa que dedica sua vida à religião e à assistência a jovens (mulheres) pobres, teve sua dedicação e trabalho reconhecidos pela igreja que a beatifica em 8 de junho de 1930 e santifica-a em 11 de março de 1984.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5



Fotografia 2: Vista externa do Colégio Santa Dorotéia (Bananeiras/PB)

Fonte: <http://umaseoutras.com.br/tag/bananeiras-pb/>

Maria Jacy casou-se com José Paulino Costa Filho⁵, economista e professor universitário, conhecido em todo o estado da Paraíba, mantinha coluna diária de economia no Jornal O Norte, na época, periódico de grande circulação no Estado. Tempos depois veio a compor as fileiras do Jornal Correio da Paraíba, trazendo consigo a sua coluna Painel Econômico. Era e continuou sendo por muito tempo, o único analista econômico da imprensa paraibana, especializado no assunto. Informações segundo o site do Governo em uma nota publicada sobre seu falecimento. José Paulino Costa Filho foi um dos fundadores do Colégio Estadual da Prata⁶.

O casal teve três filhos: Alexandre, José Aníbal e Silvana.

⁵ Foi aluno da primeira turma da Faculdade de Direito de Campina Grande, mantida pela FURNE.

⁶ Atendendo ao clamor popular ao final da década de 40, quando Campina Grande não dispunha de ensino secundário subsidiado pelo poder público, haja vista a existência das instituições particulares de ensino: Colégio Pio XI, Ginásio Alfredo Dantas e Colégio Imaculada Conceição, o então governador Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo, compromete-se na construção da obra do Colégio Estadual e consegue do governo municipal, Raymundo Vianna, a doação do terreno. Todavia, a grandiosidade da empreitada e os recursos necessários para tal fim atrasam a obra em mais de uma década e o colégio só seria inaugurado em 31 de janeiro de 1953.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Como professora da educação básica, exerceu suas práticas educacionais no Instituto São Vicente de Paulo⁷ entre 1948 a 1951, uma escola para crianças empobrecidas, na época, administrada pela Irmã Bernadete Porto⁸.

Logo em seguida, de 1951 a 1952, Maria Jacy Costa Pinto exerceu suas práticas de ensino no Colégio Diocesano Pio XI, fundado e coordenado pela Igreja, funcionando dentro dos princípios educacionais por ela consagrados, teve presença marcante na região polarizada pela cidade de Campina Grande/PB. Considerado um referencial na arte de educar, foi uma das instituições de ensino em que ícones da história de Campina Grande estudaram, como por exemplo, Félix Araújo, Evaldo Cruz, Evaldo Gonçalves, Ronaldo Cunha Lima, Austro França, Amaury Vasconcelos, Chico Maria⁹, dentre outros notáveis. Chico Viana em seu texto intitulado “Lembranças do velho Pio XI” relata um pouco de sua memória na época em que lá estudou. Segundo o mesmo, “O velho Pio XI funcionava num prédio imenso, com um primeiro andar semi-abandonado cujo piso era revestido de madeira. Numa das alas desse primeiro andar morava o padre, sozinho. O restante era composto de espaços mortos, com restos de carteiras, birôs, quadros-negros – lembranças de cursos que não existiam mais. Um desses espaços era ocupado por uma biblioteca esparramada e quase desfeita, com títulos atraentes como Os três mosqueteiros, Os miseráveis, O Corcunda de Notre-Dame”. (<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>)

A visão do cronista nos informa sobre o declínio da referida instituição, recorte temporal localizado entre a segunda metade da década de 1940 e a primeira metade da década de 1950, época em que a educadora Maria Jacy Pinto Costa lecionou por um ano, apenas, no referido colégio.

⁷ O Instituto dá o nome a seu fundador Padre Vicente de Paulo, nascido em 1581 no sul da França. O mesmo em 1618 funda a Congregação das Missões e a Confraria da Caridade; a primeira cuida da evangelização dos camponeses e a segunda daria assistência espiritual e corporal aos pobres. A instituição que leva seu nome demorou de 1625 até 12 de janeiro de 1633, para receber a Bula do papa Urbano VIII, reconhecendo a Instituição. Sobre a Instituição de Campina Grande, ainda, não temos informações precisas sobre sua fundação.

⁸ Natural de Aracati/Ce, nasceu no dia 10 de maio de 1919, filha de Raimundo da Silva Porto e Maria Cavalcante Soares Porto. Aos 18 anos de idade deixou sua família e ingressou na Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo para servir os pobres.

⁹ Nomes que se destacaram no campo político, da engenharia, do jornalismo, entre outras, na cidade de Campina Grande





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Em 2004, a instituição supracitada encerra suas atividades, deixando um legado de grande valor para a história da educação paraibana. Considerando discurso memorialístico de Chico Viana, identificamos o esforço de mais de meio século feito pela instituição para se manter em atividade, uma vez que desde 1950, o referido colégio já passava por dificuldade financeira. Não sabemos se esse foi o motivo de a educadora Maria Jacy Pinto Costa ter passado apenas um ano como professora.

Pelos poucos dados de que dispomos até o momento, tudo leva a crer que a referida professora, entre as décadas de 1950 e até, aproximadamente metade dos anos 60 tenha se dedicado mais ao ensino e à vida familiar, deixando um pouco de lado sua formação.

No final da década de 1960, e durante toda a década de 1970, a professora dedicou sua vida a viagens de estudo, formação acadêmica, publicações e ao ensino superior.

No ano de 1966, fez uma viagem de estudo e observações aos Estados Unidos patrocinada pelo *Bureau of Educational and Cultural Affairs*¹⁰, de maio a julho, participando como ouvinte das conferências: “A Educação nos Estados Unidos” realizada em Washington, “A Estrutura da Bolsa de mercadorias de Chicago”, “Estrutura e Funcionamento dos Projetos RITA”, “O Salt River Project”, realizada no Arizona, “O Vale do Tennesse antes e depois da TVA”; também participou do Encontro “A tecnologia e a Transformação Social”, pela Universidade de Colúmbia, Nova York e da Convenção em Rotary Internacional em Denver, Colorado.

Pela diversidade dos temas abordados que passam pela educação, economia e tecnologia, é possível afirmar que Maria Jacy da Costa Pinto preocupava-se com uma formação eclética que atendesse os interesses de sua formação acadêmica. Certamente isso lhe dava uma posição de destaque na sociedade, pela cultura ampla adquirida tanto pelas viagens quanto pela participação nos citados eventos.

No ano de 1968, voltou aos Estados Unidos para participar do “*Internacional Teacher Program*” na *Harvard University*, exposição feita pelo Mr. David Kuechle, membro da *School of Business Administration*, na *Havard University*.

¹⁰ O **Bureau of Educational and Cultural Affairs** – é um programa que tem o encargo de aumentar o entendimento mútuo entre povos dos Estados Unidos e os povos de outros países por meio de intercâmbio educacional e cultural.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Embora a organização do currículo da professora, a que tivemos acesso, não apresente detalhes, entendemos que essas viagens foram realizadas ao tempo em que a mesma estava fazendo dois cursos de graduação: Licenciatura em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, e Ciências Econômicas, pela Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande¹¹, Em ambos os cursos, a professora obteve a primeira colocação em sua turma.

Chama atenção o fato de a professora ter cursado duas graduações ao mesmo tempo, em cidades diferentes, embora a distância não seja grande de uma cidade para outra, isso revela uma intensa atividade intelectual, principalmente, se considerarmos que esse período foi também marcado por viagens ao exterior e por publicações.

Viajou, ainda, para várias cidades do Brasil, fazendo cursos de especialização e de aperfeiçoamento, entre eles, o Curso de Psicologia Social, promovido pelo Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, em 1968. Em São Paulo, participou do curso “Problemas do Desenvolvimento Brasileiro”, e do Curso para o Desenvolvimento, ambos promovidos pela Sociedade Brasileira de Cultura e Editora Convívio. Em Recife, no ano de 1970, fez o Curso de Contabilidade para Executivos, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e o Curso de Sociologia Rural na UFPE. No mesmo ano viajou para Fortaleza, para fazer o Curso de Introdução ao Método Econométrico, e no ano de 1971, em Campina Grande, pela Universidade Federal da Paraíba, faz o Curso Estudo de Problemas Brasileiros, promovido na Faculdade de Ciências Econômicas.

Como professora de nível superior, ministrou a disciplina Sociologia Geral, nos Institutos Paraibanos de Educação – IPÊ, de 1972 a 1978, em João Pessoa. Importante destacar que os Institutos haviam sido criados no ano anterior, sob a organização de padres e ex-padres com experiência, principalmente, no ensino religioso. Iniciando com apenas quatro cursos: Administração, Direito, Educação Física e Psicologia. A sigla Ipê foi a primeira designação do Centro Universitário de João Pessoa, atualmente dá nome à entidade mantenedora do Unipê. O

¹¹ Essa Faculdade foi criada pela Lei Estadual nº 512, de 1º de julho de 1955 por iniciativa da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Em 13 de dezembro de 1960, pela Lei Federal nº 3.835 essa Faculdade foi federalizada, juntamente com outras localizadas na capital paraibana.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Centro Universitário de João Pessoa (Unipê) nasceu, em 21 de junho de 1971, de um ousado projeto e do sonho de seis amigos religiosos e apaixonados pelo magistério. Com visão empreendedora, os fundadores do Unipê – Afonso Pereira da Silva (falecido em junho de 2008), Flávio Colaço Chaves, José Loureiro Lopes, José Trigueiro do Vale, Manuel Batista de Medeiros e Marcos Augusto Trindade, acreditaram no sonho, e atualmente o Unipê é uma das maiores Universidades privada da Paraíba.

Maria Jacy publicou vários trabalhos de circulação interna na cidade de Campina Grande pela editora FACE, como: Fatores condicionantes do fator social (1968), A origem do Estado (1969); em 1970, publica Instituições educacionais, O processo de industrialização e suas implicações na vida social, Formação dos partidos políticos nos Estados Unidos, e no ano de 1971, a monografia intitulada Sociologia, para conclusão de curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Pelos títulos das publicações, percebe-se um esforço de articulação dos conhecimentos adquiridos em sua formação acadêmica.

A Educadora Maria Jacy Pinto Costa foi uma das poucas mulheres privilegiadas, que buscou na educação a forma de sair do reduto do lar, para abarcar outros horizontes, viajando para vários lugares em busca de conhecimento. Faleceu em João Pessoa, no dia 22 de dezembro de 1982, aos 52 anos, e foi sepultada no Cemitério de Santa Catarina.

MARIA JACY COSTA NAS PÁGINAS DOS JORNAIS

Com o movimento feminista e na esteira das reivindicações pelo voto, o que lhes possibilitaria maior atuação política e social, a domesticidade foi invadida e as mulheres passaram a atuar no espaço público e a exigir igualdade de direitos, de educação e profissionalização. (ALMEIDA, 1998, p.27)

Por muito tempo as mulheres foram postas de lado na história, viviam confinadas, invisíveis. Raramente eram vistas nos espaços públicos; o discurso histórico vem carregado de silêncios e oclusões à memória da mulher, sua figura dificilmente era apresentada pelos historiadores.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Pelo que se pode perceber, na maioria das produções historiográficas, somente o homem aparecia enquanto sujeito da história, apenas uma versão da história foi durante muito tempo privilegiada: a que retratava a vida pública, esfera na qual a mulher por muito tempo não existiu, o que vem a influenciar também na ausência das fontes. A esse respeito, a historiadora Michele Perrot afirma:

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. (PERROT, 2008, p.17)

Várias pesquisas revelaram a quase invisibilidade das mulheres como sujeitos, seja nas grandes narrativas sobre a História, seja como protagonistas na própria produção historiográfica.

Em nossa pesquisa podemos constatar que antes da década de 70, na cidade de João Pessoa, pouquíssimas eram as mulheres homenageadas com o seu nome posto em uma instituição escolar como patronesse.

No entanto, percebe-se pelos decretos de leis de criação e nomeação de escolas, colhidos na Secretaria do Município quanto na Secretaria do Estado, que houve um aumento significativo com relação aos anos anteriores na criação de escolas tendo mulheres como patronesses. Com relação a escolas tendo homens como patronos essa diferença é exorbitante.

Durante a pesquisa fomos a Escola Estadual Maria Jacy Costa, situada no Bairro de Mangabeira II. Ao entrar fomos direcionados a falar com a diretora da escola, a sala estava cheia de funcionários; ao entrar na sala percebemos a foto na parede, logo deduzimos que seria da patronesse da escola, e de fato era. Falemos o objetivo do projeto e perguntamos se sabiam algo sobre a patronesse da escola. Deram-nos um currículo¹² da prof^a Maria Jacy Costa e disseram que era tudo que tinham. Mesmo com as informações em mãos não sabiam nada sobre a patronesse.

¹² É importante destacar que esse currículo é bastante sucinto, mas apontou vários indícios sobre a vida da professora. A continuidade da pesquisa ainda não nos revelou muitos detalhes.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

E foi através dessa fonte que encontramos informações que a mesma foi professora do ensino primário na década de 50 por um curto período, e mais tarde na década de 70 depois de ter sido formada em Ciências Sociais e publicados vários trabalhos científico, foi professora no IPÊ. Viajou para fora do país participando de vários congressos em sua área.



Fotografia 3: vista parcial do muro da Escola Estadual Profª Maria Jacy Costa
Fonte: Arquivo do Projeto “Nomes de escolas: lugar de (não) memórias de mulheres?”

Alguns estudos mostram que foi nesse período que as mulheres começaram a ter maior mobilização a provocar intensas mudanças no curso da história. Já não se conformavam em ficar apenas no reduto do lar cuidando do marido e dos filhos. Foram aos poucos se libertando das fortes influência do patriarcalismo, buscando cada vez mais seu lugar na sociedade da qual por muito tempo foi distanciada.

Maria Jacy Costa como tantas outras mulheres de sua época acompanhou as ideias em voga da época. Mesmo passando vários anos para obter sua formação acadêmica, isso é o que a fonte nos mostra, não se contentou somente a ser dona de casa.

A pesquisa feita nos jornais nos mostra que constantemente Maria Jacy Pinto Costa era noticiada nas colunas sociais do jornal A União e do jornal O Norte, jornais de grande circulação no Estado Paraibano. Participava de eventos como convidada da Elite Paraibana, tanto em Campina Grande, quanto em João Pessoa, estava sempre presente nos eventos de destaque





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

noticiados pela imprensa da época. Como por exemplo, em coquetel realizado no Hotel Tambaú, jantar oferecido pelo diretor-presidente da extinta Aviação Gaivota oferecido à miss Paraíba de 1975. Ela própria oferecia jantar em sua residência para amigos da alta sociedade, festas comemorativas de aniversário de seus filhos, também era destaque nas colunas sociais dos jornais.

Não podemos descartar a hipótese de que parte da visibilidade de Maria Jacy Costa nos jornais deve-se a sua posição de classe social, pertencente à elite paraibana, bem como o fato de seu esposo estar inserido na imprensa e com isso ter maior circulação nas colunas sociais.

Ainda nos dias atuais é perceptível ver no discurso da “sociedade” que ser mulher significa antes de tudo experimentar o desejo da maternidade e de dedicação ao lar. Mas a luta das mulheres vem passando por vários momentos e, gradativamente, a violência estrutural contra a mulher foi desvendada e foram denunciadas publicamente as estruturas educacionais machistas. As mulheres adquiriram alguns espaços, há novas formas de agregação; houve equívocos, mas o que importa observar é que houve alterações profundas na sociedade e na própria mulher.

FAZENDO HISTÓRIA ATRAVÉS DA BIOGRAFIA

Com as perspectivas de estudo trazidas pelas contribuições da Nova História Cultural houve uma ampliação de fontes para a historiografia, bem como a abertura para novos sujeitos, novos objetos, novas abordagens. É que trazer à tona a história de uma mulher pelo viés da biografia pode favorecer não só a visibilidade de um sujeito outrora relegado ao esquecimento como também revelar outros aspectos da história, que de outra forma não seria possível. E no intuito de preservar a memória da educadora Maria Jacy Pinto Costa, através de uma biografia, pretendemos também entender suas vivências e suas lutas, no período em que estava ativamente participando do contexto histórico de sua época.

Ao mostrar a história dessa mulher através da biografia estaremos elaborando, também, fontes para a história.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

No sentido mais comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a história. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu. (BORGES, 2010, p.215)

O método biográfico assume especial importância quando se trata de construir ou (re) construir uma identidade, porque implica novas atitudes formativas. Sobretudo quando surge o interesse de evidenciar a vida dos ditos “eliminados” da história, como as mulheres, negros e homossexuais, etc. Vale salientar que pensar em eliminados, excluídos, marginalizados, esquecidos, invisibilizados, não significa apenas marcar a classe social desse sujeito, mas faz referência a uma situação de esquecimento proposital, intencional, decorrente de uma condição qualquer (de etnia, gênero, geração, ocupação profissional, opção sexual, grau de escolaridade, estado civil etc).

Nesta perspectiva, as ações formadoras têm início com a recuperação, seguida da reconstrução da história da educadora Maria Jacy Pinto Costa, que traz junto sua trajetória, reflexão e crítica a cada acontecimento histórico, levando-nos a entender a sociedade no tempo vivido do sujeito. Segundo Borges (2009, p. 286), “A vida de um indivíduo se imbrica com os chamados “grandes acontecimentos” e todo tipo de fatos que se passam durante seu período de vida; esses eventos só deverão ser tratados relacionando-os à vida do personagem”.

Biografar uma mulher comum, uma educadora, é uma alternativa para evidenciar as suas contribuições em um determinado contexto histórico; é ir de encontro não apenas a perspectiva tradicional de se contar a história, simplesmente a partir dos grandes homens e/ou dos grandes acontecimentos, mas também alterar a própria escrita da história das mulheres que durante certo tempo se preocupou em biografar somente aquelas mulheres que se destacaram por assumirem posições outrora ocupadas por homens. Segundo Gonçalves (2006, p. 90):

Um dos desdobramentos do que se pode considerar a 'fase mais heróica' do movimento feminista (1970-80) na produção acadêmica no campo da história da mulher foi sem dúvida o da reconstituição de biografias, ou de traços biográficos, de mulheres célebres, com o objetivo, nem sempre formulado explicitamente, de enaltecer a participação das mulheres na História, mas, em





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

geral realçando aquelas situações em que essas ocuparam papéis tradicionalmente associados a modelos e valores masculinos.

O que se pode deduzir a partir da abordagem citada é que as mulheres comuns ficaram relegadas ao esquecimento, como se suas histórias não merecessem ser contadas; como se o que restasse de suas memórias não fosse suficientemente importante; como se os indícios de suas atuações devessem ser ignorados. (NUNES, 2010, p.04)

A biografia tem se utilizado da memória, em fontes orais ou escritas, oriundas de arquivos públicos ou privados, para constituir histórias de vida. Para Le Goff (1994, p. 423).

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

E foi através de informações adquiridas em jornais e na própria escola que homenageia a educadora Maria Jacy Pinto Costa, que estamos tentando reconstituir e manter viva, pela biografia, a memória desta. Segundo Stephanou e Bastos (2005), no campo da História da Educação, memória e história tem sido tema de publicações sólidas, demonstrando uma tentativa de encontrar no passado as explicações para as permanências nas práticas educativas e escolares do nosso tempo.

A partir da operação particular de transformar vestígios em dados de pesquisa, o historiador/pesquisador produz um discurso, uma narrativa que constitui sua leitura do passado. Isso é importante porque a memória, não sendo a história, é um dos indícios, documento, de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem a um só tempo. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p 417-418).

Que memória de mulher se esconde por trás de um nome gravado numa placa ou grafado num muro de uma escola? De que memória se está falando? Em que lugares a memória se encontra?

Com o entendimento de que a memória das mulheres que nomeiam as escolas está presente não só nos nomes expostos nas fachadas e nas placas das escolas, mas também nos documentos oficiais que se referem à vida profissional dessas mulheres, como também textos





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

publicados por/sobre elas em jornais e/ou periódicos, é que estamos lançando mão desses indícios de memória identificados para tornar pública a história da educadora Maria Jacy Pinto Costa, na intenção de fazer lembrar quem foi e o que fez essa mulher. (NUNES, 2010, p.05)

(In) Conclusão

Embora tenha sido evidenciada nas colunas de jornais, em sua época, e homenageada com o nome posto em uma rua e uma escola da capital, a educadora Maria Jacy Pinto Costa não teve assegurada a permanência de sua lembrança, uma vez que sequer é lembrada ou conhecida pelos alunos que estudam na instituição da qual é patronesse. Dessa forma, o lugar de memória não garante a preservação desta, quando muito tem servido para guardar vestígios da história de uma mulher, de uma educadora, que pelos sinais identificados nas poucas fontes localizadas parece ter estado sempre em busca de aperfeiçoar os seus conhecimentos. Esperamos que a continuidade da pesquisa possa nos trazer o acesso a outras fontes que venham a contribuir para o conhecimento das práticas dessa educadora e assim evitar que a sua história seja mais uma a deslizar para o esquecimento público e para a invisibilidade nos nossos dias e permitir que as novas gerações de paraibanos reconheçam o significado de seu nome. Todavia, muitas perguntas ainda estão por responder, entre elas: por que a referida professora parecia ter um acesso fácil a cursos nos Estados Unidos? Será que isto se relaciona com alguma atividade que a mesma vinha realizando e que não aparece no seu currículo? Ou seria relacionado com as atividades realizadas por seu marido que era professor universitário?

Não queremos negar a importância de suas práticas educativas nem o seu esforço por uma formação contínua, mas a sua presença constante nas colunas sociais apenas põem em destaque sua inserção cultural e social privilegiada. Suas práticas educativas praticamente não foram identificadas nessas ocasiões em que foi fotografada para os jornais, com exceção de ser algumas vezes anunciada com professora. Mas isso só não basta. O que fez com que seu nome fosse escolhido como patronesse de uma escola pública? Essa pergunta ainda não conseguimos responder!

Temos a plena convicção de que a escrita deste texto, que partiu de alguns indícios,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

serve, principalmente, para sistematizar dados biográficos da educadora Maria Jacy Costa e apontar a necessidade de prosseguimento da pesquisa.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BORGES, V. H. F. P.; "**Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune Sieler**", "Memória e (Res)sentimento", 08/2009, ed. 1, Unicamp, pp. 28, pp.283-310, 2009.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

http://www.dezenovevinte.net/obras/monumento_pb.htm. Acesso em 28 de setembro de 2010.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Bureau_of_Educational_and_Cultural_Affairs. Acesso em 01 de outubro de 2010.

<http://retalhos.blogspot.com.br/2011/08/memoria-educacional-Pio-XI>. Acesso em 06 de abril de 2012.

<http://www.santadoroteia.com.br/2008/MenuPrincipal/OColegio/OColegio.html>. Acesso em 03 de março de 2012.

<http://www.espiritismogi.com.br/biografias/vicente.htm>. Acesso em 09 de abril de 2012.

<http://www.al.pb.gov.br/noticia.php?cod=1118>. Acesso em 10 de abril de 2012.

<http://umaseoutras.com.br/tag/bananeiras-pb/> Acesso em 21 de abril de 2012.

<http://www.unipe.br/40anos/historia.php> acesso em 30 de abril de 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 3 ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1994. (Coleção Repertórios)

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba**. 11 ed. João Pessoa/PB: Editora A União, 2008.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Do silêncio à memória: Revelando a história das mulheres que nomeiam escolas (1970-2000)**. Projeto de Pesquisa. Ano de 2010 a 2011.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. História, memória e história da educação. In. _____. (Orgs) **Histórias e memórias da educação no Brasil, v. III**, Século XX, Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

www.prac.ufpb.br/anais/XIIIENEX.../4/4CCHSADEPX03-O.doc. Acesso em 10 de abril de 2012.

Fontes

Currículo da professora, encontrado na Escola Municipal Maria Jacy Pinto Costa.

Jornal o Norte, ano 1970 a 1979.

Jornal A UNIÃO, ano 1975, nº 122.

